Qualquer semelhança com a
realidade, não é pura coincidência.
Este diário é baseado em acontecimentos reais.
Alguns nomes, datas e locais foram
alterados, para proteção da privacidade
das pessoas envolvidas.

Tenho o Hélder Batista como alguém que encontra a sua maior felicidade em fazer felizes os que o rodeiam. A sua realização pessoal nasce do sucesso, da concretização e da felicidade das suas pessoas — e faz tudo o que está ao seu alcance para que alcancem os seus maiores sonhos. Muitas vezes, acredita nelas ainda antes de elas próprias o fazerem.

O sector imobiliário é o palco onde esta visão ganha forma. É onde o Hélder alia conhecimento, experiência e propósito, utilizando o mercado não apenas como profissão, mas como meio para cumprir aquilo que verdadeiramente o move: ser feliz através da felicidade dos outros.

Tem sido um privilégio acompanhar a sua evolução ao longo dos últimos anos. O crescimento profissional é evidente, mas o que mais se destaca é a sua evolução enquanto pessoa — algo raro e profundamente diferenciador.

Acredito firmemente que excelentes pessoas se tornam excelentes profissionais. O Hélder é, para mim, a personificação dessa crença.

ISABEL PRECIADO
Consultora de Gestão

2008

A HORA CERTA NA VIDA ERRADA

17 de fevereiro
(4h37)

Tento encaixar o corpo num banco habituado a suportar ansiedades. Os minutos avançam vagarosos, dentro desta madrugada por onde espreito o meu futuro. A luz desmaiada da sala tenta embalar, a custo, as perguntas que não me deixam adormecer. Olho uma vez mais o telemóvel, apesar de saber que não devem ter passado mais do que uma dúzia de minutos desde a última vez que procurei nele um sinal de vida para enganar a ânsia. No banco mais pequeno, em frente a mim, o Francisco dorme, sentado, com a barriga a amparar-lhe as mãos, indiferente à minha insónia.

— É o meu terceiro, já não perco o sono. Ele chegará quando for a hora certa — tranquilizou-me mal cheguei, apresentando-se calorosamente.

Não ouvi tudo o que disse porque estava a tentar dominar o coração que parece ter definido como ponto de honra rasgar-me o peito ou fugir-me boca fora. Como se o espaço que sempre lhe destinei fosse, hoje, pequeno demais. A enfermeira ruiva sai de uma das salas com um copo de café entre as mãos e as olheiras a sublinhar-lhe os olhos verdes.

— Ainda não há novidades, pai. Está demorado. Descanse.

Sem me dar tempo para abrir a boca e alinhar uma ou duas perguntas decentes, entra numa sala destinada apenas a pessoal

autorizado. Só nesse instante me desce do cérebro até à boca aquela palavra: *pai.* Repito-a como se, com as três letras, enchesse um balão maior do que aquela sala. Levanto-me e enfio a mão no bolso direito das calças, à procura de algumas moedas para a máquina das bebidas. Os olhos perdem-se no líquido pálido a pingar, sem pressa, no copo de plástico. Enquanto bebo o chá, releio algumas das mensagens recebidas nas últimas horas. A do João revolve-me o estômago: «Já te transferi o dinheiro, amanhã está na tua conta. Abraço.»

Acomodo o corpo no banco e fecho os olhos. A única coisa que consigo ouvir é o meu batimento cardíaco. Há uma sinfonia a acontecer no meu peito que não me deixa dormir. Assalta-me esta certeza de que o mundo não será o mesmo amanhã. Cansei as perguntas e acabei por adormecer.

(6h52)

Acordei com o apito nervoso da máquina das bebidas, anunciando o fim da preparação de um café. O corpo não colabora à primeira, sinto uma dor aguda na zona lombar. Passo as mãos pelo rosto para espantar o cansaço e tentar despertar.

— Desculpe, acordei-o. Aceita um café? — Do meu lado direito, o Francisco estica o copo na minha direção.

— Boa ideia, aceito. Obrigado. — Inspirei demoradamente a nuvem quente que fugia do copo. Depois, em dois goles, engoli-o, enquanto o Francisco aguardava a preparação de outro.

— E que tal, há novidades? — perguntou, segurando o copo entre as duas mãos fartas.

— Ainda nada… vou procurar uma enfermeira para tentar saber como estão as coisas.

— Se houvesse novidades, já cá tinham vindo chamá-lo. — Sorriu.

— E que tal é… ser pai de três? — atirei, sorrindo-lhe de volta.

— Maravilhosamente assustador. — Deu um gole no café e dirigiu-se à janela que dava para o parque de estacionamento do hospital. Chovia incessantemente. Ficámos em silêncio alguns minutos.

— Viram-nos a vida do avesso e, nesse avesso, descobrimos um amor para o qual ainda não inventaram unidade de medida. — Sentou-se de novo no banco em frente ao meu.

— Um amor que começa muito antes de eles cá chegarem, não é? Ninguém nos prepara para o que é criar vida… Vou ter oportunidade de fazer tudo aquilo que nunca… — Detive-me por instantes. Não conhecia aquele homem de lado algum e, no entanto, inspirava-me confiança. — Vou ter oportunidade de fazer o que nunca fizeram por mim. Metade de mim é alegria, mas a outra metade é medo.

— Esse medo nunca o vai abandonar. Quando paramos para pensar e nos apercebemos de quão frágil é a vida, e de quão impotentes somos perante grande parte das coisas que podem acontecer, temos duas hipóteses: viver convictamente cada dia como se fosse o último ou deixar-nos morrer devagar.

— Isso faz imenso sentido para mim, neste momento… — desabafei, olhando-o nos olhos. Havia uma empatia crescente com aquele homem tranquilo. — A minha vida tem sido uma espécie de roleta russa…

— Pode ser que tudo faça novo sentido, agora, com a chegada deste filho.

— Filha! — corrigi, sorrindo com o corpo todo. — É uma menina. Sim, a Alice vem mudar as regras do jogo. Não há espaço para mais erros…

— Alice é um nome lindo. Era o nome da minha mãe: chamava-se Maria Alice. — Sorriu ternamente, passando a mão pelo cabelo, tentando alinhar algumas madeixas que

lhe pendiam para os olhos. — Se não me engano, é de origem grega e significa real, verdadeira, sincera, autêntica.

— Que maravilha! Desconhecia a origem… é como se todas as peças se estivessem a encaixar, para formar uma imagem maior.

— Quando a olhar pela primeira vez, tudo fará sentido. E o que não faz sentido é porque não é importante. Os filhos vêm peneirar-nos a vida. Se soubermos realmente ver, sem os filtros que vamos ganhando nos olhos à medida que crescemos, vamos focar-nos apenas no essencial.

— Posso perguntar-lhe o que faz profissionalmente, Francisco?

— Claro que sim. Sou advogado. E você?

— Sou consultor imobiliário. Comecei há poucos meses, ando a tentar, com todas as minhas forças, contrariar as probabilidades e organizar a minha vida… não tem sido fácil, mas eu sou teimoso.

Pisquei-lhe o olho e sorri. Por um lado, senti que não fazia sentido estar a expor-me perante uma pessoa que acabara de conhecer. Por outro, a intensidade emocional das últimas horas tinha aberto a porta e todas as minhas memórias corriam soltas. Sentia uma enorme vontade de falar, nem que fosse apenas para me ouvir, na expetativa de organizar a torrente de sensações, medos e dúvidas que me assoberbavam.

— Quando fui pai pela primeira vez tinha dezoito anos. Foi uma gravidez completamente inesperada e senti que a vida tinha acabado naquele momento. Hoje, olhando para trás, percebo que foi o melhor que me aconteceu naquela altura. Tudo acontece…

— Na hora certa! — interrompi, sorrindo.

— A Alice foi uma criança muito desejada, aposto — comentou o Francisco, cruzando os braços por cima da barriga e esticando as pernas, procurando uma posição confortável

num banco claramente insuficiente para acolher aquele corpo generoso.

— Não foi uma gravidez planeada… mas é muito desejada. Sinto que toda a minha vida me estive a preparar para este momento. Tudo o que passei, tudo o que me aconteceu, a minha indestrutível resiliência, força de vontade e capacidade de sobrevivência, me trouxeram até aqui. Hoje estou na primeira fila da minha vida…

— À espera da sua hora certa.

— À espera da minha Alice, real e verdadeira.

A conversa foi interrompida por uma das enfermeiras mais velhas, anunciando que, contrariamente ao previsto, iam avançar para uma cesariana, uma vez que a Sofia não estava com a dilatação esperada e a bebé começava a ficar impaciente. Num espaço de segundos, o nosso cérebro é obrigado a absorver conceitos, processar informação, enviar diretrizes credíveis para que o corpo reaja e as pernas não fraquejem. Atirei-lhe um emaranhado de preocupações embrulhadas em perguntas desalinhadas. A experiência dela jogava na antecipação e explicou-me o processo como se estivesse a ensinar a tabuada a uma criança. Dei por mim enfiado numa bata azul, na sala onde a Sofia, antes de lhe administrarem a anestesia, tentava acalmar o medo, contando piadas sobre o sexo fraco — os homens, dizia ela. As enfermeiras riam-se e o médico tentava encontrar em mim um aliado para a conversa.

A hora seguinte foi alucinante.

(9h16)

Um choro rompeu a sinfonia dos *bips* que as máquinas debitavam num compasso alinhado, e calou, por segundos, a sinfonia metálica dos bisturis. Levantaram-te, pesaram-te e, quando dei

por mim, tinha-te nas mãos: a vida, Alice, tu, a minha filha. Tudo e a mesma coisa. Tudo numa só pessoa. Cansadas de estarem presas, as lágrimas desceram-me, desenfreadas, rosto abaixo. Podia acabar o mundo lá fora. Cá dentro, neste instante, tinha toda a vida nas minhas mãos. Uma bolha de felicidade plena abraçou-nos, como se existíssemos apenas nós os dois. Como se fôssemos uma ilha distante.

— Esperei por ti a minha vida toda — sussurrei-te, enquanto te beijava o rosto moreno e fui pousar-te no peito da tua mãe, para que ambas vivessem o momento há muito esperado.

(11h25)

Cinquenta e seis mensagens enviadas. Trinta e duas mensagens recebidas. O telemóvel e o corpo a pedirem uma pausa. Saí do hospital, deixando-vos a descansar. Inspirei aquela manhã húmida, como se também eu tivesse acabado de nascer. Dificilmente, na vida, algo mais se assemelhará a isto. O lado esquerdo do meu cérebro não deixou, no entanto, que a euforia me desviasse da lista de tarefas a executar nas horas seguintes. Porque nada seria como dantes.

Aproveitando o empréstimo do João, fui comprar a alcofa e o carrinho necessários para te transportar para casa. Tinha combinado com a tia Madalena encontrarmo-nos em casa, perante a sua insistência em ir lá *dar um jeito*, antes de vocês voltarem do hospital.

(14h22)

Deu-me um abraço apertado, à entrada do prédio, contagiando a minha camisa com aquele inconfundível odor a água de rosas. Insistiu para que lhe repetisse, três vezes, todos os pormenores do parto.

— Vou visitá-la ao fim da tarde! — anunciou, com a felicidade a cantar-lhe na voz. Subimos, tomei banho e troquei de roupa. Começava a sentir no corpo o peso das últimas horas. Enquanto isso, a tia Madalena concentrava a sua atenção na cozinha.

— Hélder, podes chegar aqui um instante?

Fui ter com ela e encontrei-a a segurar a porta do frigorífico.

— Meu filho, não tens nada que se coma em casa…

— Tia Leninha, não se preocupe com isso, eu vou… — Tentei dar segurança e certeza a uma frase que eu não sabia como acabar.

— Vais o quê, querido? Eu sei bem como tem andado a tua vida. Por que motivo não me disseste que precisavas de ajuda?

— Não preciso, a sério, tia… eu… o João adiantou-me algum dinheiro. As comissões estão atrasadas… enquanto não fazemos as escrituras, não recebo. Já comprei o que precisava para trazer a Alice para casa.

— Quanto dinheiro tens neste momento, meu filho?

Encostado à banca, de costas para ela, evitei olhá-la nos olhos porque ela conhecia-me demasiado bem e era inútil tentar enganá-la.

— Não tenho dinheiro, tia… mas é uma questão de dias, até as comissões… — Uma sensação de impotência apertou-me o pescoço e o oxigénio rareava na mesma proporção das respostas.

— Não te preocupes, filho, deixa-me ajudar. Vou agora ao supermercado que há aqui na rua comprar algumas coisas para vocês terem o que comer. A Sofia precisa de se alimentar, para recuperar do parto e para alimentar a bebé. Tu precisas de te alimentar, para a ajudar e para continuares a trabalhar.

Sem me dar tempo sequer para reagir, tirou o avental, pegou na pequena carteira azul, que transportava sempre debaixo do braço, e saiu porta fora. Fiquei a olhar o frigorífico

aberto, completamente vazio. Soube que este seria um dos momentos que me iria marcar para sempre. Um choque elétrico que a vida me estava a provocar, para que acordasse.

— Pai… agora sou pai — balbuciei, olhando a lâmpada cansada do frigorífico, como se fosse a luz no fundo do túnel de onde tentava sair. A árida boca vazia daquele eletrodoméstico a dizer-me que os dias pequenos tinham de acabar. A Alice merece uma vida feita de dias maiores.

19 de fevereiro
(11h45)

De regresso a casa… os três. Apesar do cansaço, há uma alegria avassaladora a amparar-me os passos. Sugeri à tua mãe que se fosse deitar, para descansar. Tem sido uma guerreira, nos últimos dias, e pouco tem conseguido dormir. Antes de te levar para junto dela, sentei-me contigo nos braços e fiquei a admirar-te os traços. O meu deslumbramento contigo traz dentro todos os natais, todos os aniversários, todas as fantasias e sonhos que nunca vivi. Alice, a minha magia em forma de menina.

A campainha tocou, insistentemente, acabando por te acordar. Pousei-te no sofá, amparada pelas almofadas.

— Boa tarde, senhor Hélder. — O Sr. Silva, o senhorio, estava no corredor do prédio, mãos atrás das costas e cara de poucos amigos.

— Boa tarde, senhor Silva, acabámos de….

— Senhor Hélder, esta situação é desagradável para ambos e espero não ter de voltar cá… — interrompeu-me bruscamente. — Liguei-lhe várias vezes nos últimos dias, sem sucesso, infelizmente. Lamento ter de informar: ou me paga até amanhã os três meses de renda em atraso, ou sou obrigado a pedir-lhe que deixe o apartamento o quanto antes.

— Senhor Silva, tem toda a razão… eu… nós acabámos de regressar do hospital com a bebé e…

— Não quero saber a razão, senhor Hélder, quero ter na minha conta o dinheiro da renda, porque todos nós temos compromissos e problemas. Felicidades para a bebé.

Afastou-se com passadas largas e deixou atrás de si apenas o corredor escuro e frio daquele terceiro andar do número 23 da Rua da Acácia. Com a porta da rua aberta e o corpo inerte, fui acordado daquele torpor pelo teu choro. Peguei-te ao colo e, embalando-te, cantei baixinho até adormeceres:

Um homem trabalha
Do outro lado do rio
Com as suas duas mãos
Repara o navio
Está sozinho e triste
Mas tem de aguentar
Já falta tão pouco
Para poder voltar
Vai ficar tudo bem
Isso eu sei
Vai ficar tudo bem
Isso eu sei.

Xutos e Pontapés, *Negras como a Noite*

Nessa noite, a insónia fez-me pegar num caderno e decidir que a mudança começaria ali mesmo, porque todas as mudanças começam com uma folha em branco. Decidi escrever-te este diário.

Conquista

Livre não sou, que nem a própria vida
Mo consente.
Mas a minha aguerrida Teimosia
É quebrar dia a dia
Um grilhão da corrente.

Livre não sou, mas quero a liberdade.
Trago-a dentro de mim como um destino.
E vão lá desdizer o sonho do menino
Que se afogou e flutua
Entre nenúfares de serenidade
Depois de ter a lua!

Miguel Torga, *in* «Cântico do Homem»

1982

COMEÇAR A VIDA A ENGANAR A MORTE

Encefalite. Foi assim, com um diagnóstico condensado numa palavra, atirado à queima-roupa, que informaram a tua avó que eu, com apenas um ano de vida, acabara de ficar com ela suspensa. Seguiu-se um derrame cerebral e várias semanas em coma deixaram-me num limbo entre ir e ficar. Tinha um ano, Alice. Estava ainda a aprender a viver, sem mapa ou manual de instruções e, de repente, as máquinas a gritarem ao coração que não desistisse enquanto o cérebro tentava recompor-se. Dias elásticos feitos de esperas imensas. A avó à espera que eu regressasse e que tudo não passasse de um pesadelo, uma carta sem remetente entregue ao destinatário errado.

De noite e de dia, ela pedia ajuda a Sousa Martins, o santo que designou para me amparar e trazer de volta para os braços dela. Descobri, anos mais tarde, e quase por acaso, que José Tomás de Sousa Martins foi um médico muito conhecido, uma personalidade incontornável do século XIX. Aos ricos, cobrava valores muito elevados pelas consultas. Aos pobres, não cobrava nada e, por vezes, ainda lhes deixava algum dinheiro, junto com as receitas médicas. Terá sido a sua enorme generosidade que, aos olhos do povo, o tornou santo. Defendia que, se não tivermos mais nada a oferecer aos doentes, devemos deixar um sorriso. Era este o lema de um homem que não gostava de cultivar o divino, por preferir o humano.

Se foi o seu sorriso ou a sua mão que me resgataram, não sei. Também não sou propriamente adepto do divino. Talvez prefira acreditar que foi a teia, feita de fios de esperança e fé, que a tua avó teceu durante aqueles dias longos, que me amparou a derradeira queda.

Foi assim o início, Alice: comecei a vida a enganar a morte.

FILHOS DA LIBERDADE

Chamavam-lhe *Alemão,* pelo porte, cabelo loiro e olhos azuis, pincelados com um charme desarmante. O teu avô, afilhado de uma médica abastada, que se movia entre a alta sociedade lisboeta do pós-25 de Abril, parecia um ator saído de um filme do James Bond. A tua avó era linda, morena, dona de um invejável cabelo escuro, que lhe cobria as costas. Uma flor cultivada na província, sem corantes nem conservantes, no seio de uma família de treze irmãos.

Quando se conheceram — tinham pouco mais de 16 anos —, foi amor à primeira vista. Os olhos dele ficaram presos nos dela e, a partir desse momento, pouco ou nada havia a fazer para os separar.

Os teus avós eram filhos da liberdade recentemente conquistada. Empunhavam-na na ponta da língua, traziam-na nos olhos, desafiante, orgulhosa e permissiva. O amor foi um verbo quente conjugado por eles, com toda a impertinente impaciência da adolescência que lhes corria nas veias. Eu nasci um ano depois, quando aqueles dois caminhavam para a maioridade perante a lei dos homens. Passámos a ser um trio sem rumo certo e mudámos três vezes de casa, saltitando entre a província e a capital, antes de eu completar seis anos. O dinheiro entrava generoso, vindo da madrinha do teu avô, para que nada lhe faltasse. Nessa altura, o *Alemão* não queria que a

vida passasse sem que ele a usasse por inteiro e experimentou de tudo para elevar à oitava potência esse delírio que é viver. Não falhava um festival de música, concerto ou festa, e tinha olho pouco sintonizado para as amizades. O dinheiro abria as portas dos paraísos terrestres e as drogas tratavam-no por tu.

Eu gostaria de ter mais memórias desta infância — que foi tão curta —, mas não tenho. A casa passou a estar cheia de rostos desconhecidos, apáticos, numa rotina que divinizava o pó branco que passou a pincelar-lhes as conversas delirantes. Eu era apenas um figurante que estava no ensaio errado.

Para ser justo, devo confessar que nem tudo era alucinação e ilusão. A primeira grande lição que ele me deu, e que acabou por me ser absurdamente vital ao longo de toda a vida, foi naquele dia de verão em que, no jardim — tinha eu 5 anos —, me colocou em cima de uma bicicleta, sem rodas de apoio, e me deu um empurrão, recorrendo ao conhecido método *agora desenrasca-te*. Caí, bati com a cabeça no chão e tive de levar três pontos. A vida não traz rodas de apoio, aprendi eu nesse dia. Ou te equilibras e aprendes em movimento, ou bates redondamente com a cabeça.

Mal posso esperar para te ensinar a andar, filha. Prometo que não te largo a mão até te sentires segura.

Quando regressámos à província, lembro-me de, por diversas vezes, presenciar cenas de pancadaria deprimentes, nos bares fétidos e escuros por onde ele passava. Quezilento, agressivo, provocador, aquele que deveria ser o meu principal pilar e modelo, degradava-se, sem filtro ou amortecedor, aos meus olhos. Ela amava-o, mas amar também tem muito que se lhe diga e ela, cansada, acabou por lhe dizer basta. Ele deixou-nos e rumou à capital. Eu tinha sete anos e a quantidade de coisas que eu não compreendia era proporcional ao número de situações que nunca deveria ter presenciado.